



JAIME BOAVENTURA DE AZEVEDO (1888-1944)

Por Joaquim Quelhas dos Santos

**(Professor Catedrático Jubilado do
Instituto Superior de Agronomia)**

Jaime Boaventura de Azevedo, licenciado em Agronomia em 1916, ingressou desde logo no Ensino, tendo começado por ser professor da então chamada Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, na qual viria a manter-se (com interregno de um ano em que exerceu as funções de chefe da Direção-Geral de Instrução Agrícola) até ao início de 1920, ano em que viria a ser nomeado assistente do Instituto Superior de Agronomia. No ano seguinte, já como professor, foi encarregado da regência da cadeira de Química Geral e Análise, que era então lecionada, em acumulação com a Química Agrícola, pelo Prof. Rebelo da Silva. Em 1929, quando este último se jubilou, passou a reger, também em acumulação, a cadeira de Química Agrícola.

Verifica-se assim que, ao contrário dos seus dois últimos antecessores – D. António Xavier Pereira Coutinho e L. A. Rebelo da Siva, o Prof. Boaventura de Azevedo não teve, antes de ingressar no Instituto Superior de Agronomia como docente, qualquer experiência de *agrónomo de campo*. Terá tal facto tido influência no modo como orientou o ensino das disciplinas que teve a seu cargo?

Uma vez que, por motivos que mais adiante serão apresentados, a obra escrita legada pelo Prof. Boaventura de Azevedo é bastante escassa, iremos procurar responder àquela dúvida com base no que sobre ele escreveram os seus dois principais biógrafos: L. Mercês de Mello e M. Azevedo Gomes.

Parece-nos, entretanto separar e comparar, desde já, a ação desenvolvida na Química Geral e Análise e na Química Agrícola. Ora, a este respeito, cremos ser fácil concluir que o Professor Boaventura de Azevedo estaria muito mais à vontade na primeira do que na segunda. Era sobretudo um homem de laboratório, embora tivesse manifestado forte inclinação para a Química aplicada, a química que, naquela altura, ele acreditava, e cremos com razão, ser indispensável à formação dos agrónomos, nomeadamente à daqueles que viessem a desempenhar funções no campo da investigação agronómica (à qual, aliás ele esteve durante algum tempo fortemente ligado mediante o desempenho das funções de chefe de Divisão da Estação Agrária Central). Assim se justifica, também, o facto de o Professor Boaventura de Azevedo, além de lecionar as duas disciplinas, ter criado um *Curso de Aperfeiçoamento de Química*. A esse Curso se refere, com conhecimento direto da sua frequência, o Investigador Mercês de Mello nos seguintes termos:

«Quando, já com atividade profissional de engenheiro agrónomo ou de engenheiro silvicultor exercida em pleno campo retomei, estabilizado em Lisboa, os estudos químicos suspensos durante anos, concedeu-me o Mestre o privilégio de, em assídua assistência, receber as suas lições no Curso de Aperfeiçoamento. Singular

privilégio foi esse para mim que pude então, através da sua generosíssima comunicabilidade e rico convívio no decurso dessa abnegada tarefa de especialização reconhecer aquele equilíbrio e refletir na sua motivação. Como o atingiu ele que, ao contrário dos seus dois eminentes antecessores, não teve o ensejo de ser agrônomo de campo. Todos sabem que ser agrônomo de campo assegura em boa medida, a quem o é, o conhecimento direto das particularidades e dificuldades da arte agrícola (...). Qual terá sido, pois, nas suas lições, o fundamento do tempero de objetividade, do sentido dos limites dos conhecimentos, da riqueza das sugestões de estudo que nelas se encontram? É que, metodicamente adquirida, possuía o Prof. Boaventura de Azevedo, ao serviço o seu saber químico e inteligência penetrante, uma esclarecida formação agronómica e informação sobre as realidades agrárias, sobre a exploração agrícola em que, como é óbvio, têm seu ponto de encontro os diversos fatores em jogo (...). Tal formação assumiu até relevo aos olhos dos seus pares e dos seus colaboradores nas comissões de serviço de que foi encarregado ou que lhe foram atribuídas (...). E uma delas apropriada à sua estatura moral a de Diretor do Instituto Superior de Agronomia, cargo exercido, com simpatia humana, com superior sentido da função, com raro apreço geral».

Salienta-se, a propósito, que um outro aluno do citado curso de Aperfeiçoamento de Química, o então aluno tirocinante do curso de Eng^o Agrônomo, L. A. Valente Almeida, viria a ser, como mais oportunamente será referido, o seu sucessor nas duas disciplinas.

Azevedo Gomes, por sua vez, viria a escrever: «Muito lhe ficou devendo o ensino agronómico no campo da Química aplicada, muitas gerações de estudantes o escutaram com respeito e aproveitamento e, sobretudo, a atividade laboratorial progrediu sensivelmente graças à sua capacidade docente e ao seu espírito organizador. Também os laboratórios Químicos dos Serviços Agrícolas, enquanto superintendeu neles, de algum modo a partir da Estação Agrária Central, sentiram no apuramento do pessoal e dos seus métodos a sua influência (...). O Prof. Boaventura de Azevedo mediu, com visão serena e cálculo certo, os limites deste vasto campo, percorreu-o com os seus auxiliares e os seus discípulos em todos os sentidos, (...) quando apelaram para a sua colaboração como indispensável encontraram-no sempre; a posição nuclear que lhe pertencia ocupou-a com inexcusável galhardia e também o fez usando de uma elegância profissional que vai sendo virtude rara. As mais das vezes apagou-se conselheiro tão solícito como modesto, os trabalhos que em boa parte inspirou e informou não são jamais seus mas de outrem (...) e ei-lo, diante de vós revestido de imperturbável simplicidade que é afinal apanágio dos que verdadeiramente valem...».

Creemos que, na parte final daquele testemunho de Azevedo Gomes, encontramos a justificação para o facto de a obra escrita deixada por Boaventura de Azevedo naquele domínio ser considerada bastante escassa.

No entanto, parece não haver dúvidas quanto ao importante contributo que Boaventura de Azevedo terá dado ao ensino da Química Geral e à prática da Química aplicada. Para além do seu saber, terá ficado, por consenso geral dos que foram seus discípulos, o reconhecimento da sua admirável capacidade para transmitir conhecimentos e da dedicação, sem limites, ao trabalho de laboratório. A respeito deste último aspeto, pareceu-nos curioso reproduzir o que Rebelo da Silva, em 1943, já então jubilado, escreveu sobre as «visitas de saudade» que fazia ao seu antigo laboratório químico no Instituto e os seus encontros com o seu velho amigo

de sempre, a quem ia perguntar novidades do mundo científico: «No Instituto encontra-se, embora seja o Diretor como é agora, nos laboratórios de Química com os aparelhos em pleno trabalho e rodeado de muitos alunos que o atendem com espírito religioso, com se fosse uma lição de catequese. Ele trabalhando sempre, esquecendo as vaidades humanas, acumula as funções de preparador e de demonstrador».

Foi professor secretário e diretor da biblioteca, e foi nomeado Diretor do ISA (quando o então Diretor, Prof. André Navarro, passou a exercer as funções de Subsecretário de Estado da Agricultura), função da qual viria a ser exonerado, a seu pedido, em fevereiro de 1944. Tinha sido também, como já se disse, chefe da 3ª Secção da Estação Agrária Central.

Verifica-se assim que, ao contrário do Prof. Rebelo da Silva, Boaventura de Azevedo exerceu, para além do ensino, outros cargos. No entanto, de acordo com todas as informações que foi possível obtermos, terá aceitado desempenhar tais cargos apenas com um espírito de missão e sem nunca subestimar aquilo que ele, efetivamente, mais gostava de fazer: ensinar.

E que dizer sobre a atividade desenvolvida por Boaventura de Azevedo na área da Química Agrícola, disciplina que, como já se disse, também ficou a seu cargo a partir de 1929, quando o Prof. Rebelo da Silva se jubilou?

Começemos por recordar o que, a este respeito, nos diz um dos seus alunos, L. Mercês de Mello, «Levanta-se agora a questão de saber, do ponto de vista conceptual, como, no plano de estudos da nossa escola de agronomia se definiu, para o Prof. Boaventura de Azevedo, a posição doutrinal da Química Agrícola. Definiu-se por estas palavras: a química agrícola aplica os conhecimentos químicos ao estudo dos dois meios em que a planta vive, o solo e o ar, e às questões mais importantes, sob o ponto de vista químico-biológico, da vida vegetal. Paralelamente, ocupa-se do ensino da análise mineral quantitativa e da análise orgânica elementar e imediata, aplicadas, segundo os casos, às terras, aos adubos e corretivos, aos fungicidas, às plantas, etc.».

Conclui-se portanto que, pelo menos naquela altura, em que o responsável pela disciplina ainda era o Prof. Rebelo da Silva, o Prof. Boaventura de Azevedo atribuía à Química Agrícola um âmbito muito vasto, o que aliás parece correto uma vez que, para além da Química Geral, ainda não existiam, pelo menos oficialmente, outros Cursos e/ou disciplinas para as quais pudessem transitar algumas das matéria ali incluídas.

A propósito do ensino que ele ministrava na Química Agrícola, saliente-se, o facto de, logo em 1933, ter feito «folhas» da disciplina, apresentadas com a designação de «*Apontamentos da cadeira de Química Agrícola*». Este procedimento, que por experiência própria sempre consideramos de grande utilidade para os alunos (sobretudo nos tempos em que havia pouco material de consulta em Português e a grande maioria os alunos de então tinham dificuldade noutras línguas, nomeadamente no Inglês), foram, aliás as primeiras folhas que viríamos a ter a possibilidade de consultar e que nos permitirem conhecer, com exatidão, a matéria que era lecionada. De qualquer modo, não pode olvidar-se o facto de, no caso do Prof. Rebelo da Silva, uma das suas publicações já anteriormente citada, «*A questão das Adubações*», nos permitir ficar com uma ideia bastante aproximada do que seria

o conteúdo das suas aulas, o qual, aliás, se apresenta muito semelhante ao das «folhas» do Prof. Boaventura de Azevedo.

Verifica-se, assim, que embora o Professor Boaventura de Azevedo não tivesse tido contactos com o «campo» tinha muitos conhecimentos práticos no âmbito da realidade agrária. Como adquiriu ele esses conhecimentos práticos? A resposta parece ter sido corretamente apresentada por L. Mercês de Mello quando escreveu: «É que, metodicamente adquirida em preparação docente cuidada, possuía o Prof. Boaventura de Azevedo ao serviço do seu saber químico e inteligência penetrante, uma esclarecida formação agronómica e informação sobre as realidades agrárias do país, sobre a exploração agrícola em que, como é óbvio, têm seu ponto de encontro os diversos fatores em jogo ou de a capacidade para seu ponto de encontro os diversos fatores em jogo alguns dos subtis, incoercíveis mas reais e fortemente determinantes como são, por exemplo, os fatores psicológicos (...) Daí a sua vigorosa capacidade de interpretar resultados de estudos químico-agrícolas, seguida de translação sensata dos resultados ou de simples sugestões cautelosas para a atuação do agro, ou melhor, a capacidade para, através do seu dom de hierarquização das matérias agronómicas pertinentes, transmitir aos alunos o conhecimento e o jogo das interdependências dessas matérias, e cultivar neles o espírito de síntese do quadro unitário da ciência que é a Agronomia».

Ainda a este respeito, permitimo-nos acrescentar que o Prof. Boaventura de Azevedo, muito provavelmente, também terá beneficiado da anterior experiência docente, exercida, como já se disse, na Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, onde seria de esperar que o ensino estivesse mais ligado a problemas concretos da nossa agricultura.

Quanto às outras atividades situadas no domínio da Química Agrícola, em particular daquela que por essa altura vinha introduzindo, pelo menos em termos potenciais, uma espécie de «revolução» na produtividade da nossa agricultura - o uso dos adubos minerais, verificamos que a atuação de Boaventura de Azevedo foi muito diferente da do seu antecessor, Rebelo da Silva.

Quais as razões daquele diferente modo de atuar?

Para já, tem de reconhecer-se que Boaventura de Azevedo, por opção ou por falta de oportunidade, não terá tido as mesmas possibilidades de contactar com empresas adubeiras, técnicos regionais e agricultores; e, por essa via, contribuir para a divulgação dos adubos em Portugal. Por outro lado, o facto, já antes mencionado, de, ao contrário de Rebelo da Silva, nunca ter sido *agronomo de campo*, não o terá familiarizado com a linguagem que tem de ser usada com os técnicos rurais e mesmo com os próprios agricultores. Daí, ele ter sempre privilegiado a formação química de *agronomos de laboratório*. De notar que, muito provavelmente, Boaventura de Azevedo também terá verificado que Rebelo Silva, embora jubilado, continuava a falar e a escrever, com uma notoriedade difícil de igualar, sobre os adubos e as adubações. Recordar-se, a este propósito, que Boaventura de Azevedo, embora muito mais novo do que Rebelo da Silva, viria a falecer dois anos antes deste.

Se Boaventura de Azevedo não tivesse falecido aos 56 anos de idade (poucos anos depois de ser encarregado da regência Química Agrícola), teria alterado as prioridades no domínio dos adubos e das adubações? Tudo leva a crer que, embora

difícilmente fosse capaz de seguir uma linha de Extensionista, muito viria a fazer para que os adubos fossem mais e melhor conhecidos e, sobretudo, mais racionalmente utilizados. Recorda-se, a este respeito, que foi Boaventura de Azevedo quem recriou em 1935, no local onde ainda hoje se encontram, as novas instalações do Horto de Química Agrícola (as primeiras, criadas, como se disse, por Rebelo da Silva entre 1922 e 1926, e que viriam posteriormente, após ter sido jubilado, a ser entregues à Secção de Viticultura). Por isso, alguns anos mais tarde, o Horto passou, por sugestão do seu sucessor, Prof. Valente Almeida, a ser designado *Horto de Química Agrícola Boaventura de Azevedo*.

De notar, a título de curiosidade, que aquelas novas instalações do Horto, limitadas à construção de 50 caixas lisimétricas, não chegaram a funcionar, por falta de verba, enquanto o Prof. Boaventura de Azevedo foi vivo. Por outro lado, elas viriam, em 1941, a ser parcialmente destruídas por um ciclone.



LUÍS ANÍBAL VALENTE ALMEIDA

(1908-1975)

Por Joaquim Quelhas dos Santos

(Professor Catedrático Jubilado do Instituto Superior de Agronomia)

Luís Aníbal Valente Almeida obteve a licenciatura no Instituto Superior de Agronomia em 1935, após ter concluído a parte escolar do curso de Eng^o Agrónomo em 1931/ 32, realizado o tirocínio no Laboratório químico da Estação Agrária Central e apresentado, como Relatório Final de Curso, um trabalho intitulado «*Subsídio para o Estudo Químico- Biológico do Mel Nacional*». Ainda no mesmo ano de 1935 concluiu o já antes referido Curso de Aperfeiçoamento de Química lecionado pelo seu antecessor, Prof. Boaventura de Azevedo.

Logo após a Licenciatura, obteve uma bolsa do Ministério da Agricultura que lhe permitiu frequentar, na Alemanha, primeiro a «*Philips Universitat*», em Marlburg, e, posteriormente, a *Friedrich-Wilhems Universitat*, em Berlim, na qual viria a obter o Grau de Doutor em Agronomia. Regressado a Portugal em 1938, iniciou a atividade profissional como Eng^o Agrónomo Químico-Analista na Direção Geral dos Serviços Agrícolas, para trabalhar no Laboratório Químico Central. Passados cerca de dois anos, foi nomeado Investigador-Químico para dirigir o departamento de Química da Estação Agronómica Nacional, a qual, recentemente, tinha sido criada em substituição da anterior Estação Agrária Nacional.

Em 1944, tendo falecido prematuramente, com já antes referimos, o Prof. Jaime Boaventura de Azevedo, o Investigador Valente Almeida foi convidado pelo Conselho Escolar do ISA para, como Professor Catedrático Interino, lecionar as duas disciplinas que o primeiro tinha a seu cargo: Química Geral e Análise e Química Agrícola. Passado cerca de um ano, viria a ser nomeado Professor Catedrático Efetivo, continuando a reger aquelas duas disciplinas: a primeira até ao ano letivo de 1959/60; a segunda até à sua morte, em 1975.

Na disciplina de Química Geral e Análise, pelo que nos foi dado observar como seu aluno e mais tarde como colaborador, terá mantido, no essencial, os programas que tinham sido seguidos pelos seus antecessores, nomeadamente o último, Prof. Boaventura de Azevedo. Também nunca fez «folhas» de apoio às aulas teóricas da disciplina, facto que, como já tivemos ocasião de notar, consideramos ser, em termos pedagógicos, uma lacuna. No entanto, parece conveniente recordar que, no caso concreto do Prof. Valente Almeida, aquela «falha» não terá sido grave; e isto por dois motivos: por um lado, as aulas, nas quais as matérias apareciam sempre bem «arrumadas», eram dadas de forma que, com muita facilidade, os alunos pudessem tirar apontamentos; por outro lado, existia já uma tradução, em língua

espanhola, de um bom livro de texto: *Química General Moderna de Babor-Ibarz*. De notar, também, que a disciplina, tanto em termos de matéria teórica como prática, estava praticamente limitada á Química inorgânica.

Já na disciplina de Química Agrícola, o Prof. Valente Almeida viria a introduzir, pelo menos no que respeita às aulas teóricas, uma alteração profunda, a qual, em nosso entender, não terá sido a mais conveniente. Efetivamente, o Prof. Valente Almeida passou a ocupar as aulas teóricas da disciplina com Química Orgânica, sobretudo com a chamada Fitoquímica, na qual tinham uma larga predominância os então chamados hidratos de carbono. Haveria interesse no ensino desta matéria na área da Química Agrícola? Certamente que sim, até porque, como atrás se disse, a Química Geral estava praticamente identificada com a química inorgânica. Só que, no amplo domínio da Química Agrícola, havia matérias que, já nessa altura, cremos serem merecedoras de maior atenção do que aquelas breves referências que o tempo disponível nas aulas práticas lhes permitia fazer. Referimo-nos, concretamente, ao estudo da nutrição das plantas, da fertilidade dos solos e do uso dos fertilizantes. Em relação a estes últimos, e em particular no que respeita aos adubos minerais, recordamos que, como se disse a propósito dos Professores Rebelo da Silva e Boaventura de Azevedo, o segundo, cremos que pelas razões já apresentadas quando a ele fizemos referência mais detalhada, também não deu, pelo menos no que respeita ao estudo e divulgação das condições de aplicação, inteiro seguimento à ação desenvolvida pelo seu antecessor, o Prof. Rebelo da Silva.

Uma tal situação viria, no entanto, a ser alterada quando, no ano letivo de 1959/60, iniciámos funções docentes na Secção de Química do ISA, como assistente, tendo a nosso cargo, além de outras, as aulas práticas de Química Agrícola. Nessa altura, com a plena concordância do Prof. Valente Almeida, as aulas práticas daquela disciplina foram transformadas em teórico-práticas e passaram a ser dedicadas, na sua quase totalidade, à apresentação de noções gerais sobre nutrição vegetal, fertilidade dos solos, fertilizantes e fertilização, e à análise de terras e de fertilizantes. Foram, deste modo, eliminadas muitas análises de outros produtos que até então feitas, o que não nos pareceu grave uma vez que, entretanto, havia já a possibilidade de elas serem incluídas nos planos de estudos de disciplinas lecionadas noutras Secções do ISA, nomeadamente na Tecnologia Agrícola. Aliás, na própria Secção de Química existia já, após a Reforma de 1952, uma *disciplina complementar* de Análises Agrícolas (a qual, durante alguns anos, também foi regida pelo Prof. Valente Almeida).

Em relação àquela última disciplina, permitimo-nos emitir a opinião pessoal de que, se ela tivesse sido criada com um «peso» igual ao das outras cadeiras da Secção, talvez o Prof. Valente Almeida, com a sua excelente formação na área da investigação laboratorial, a tivesse elegido como principal suporte das suas atividades de ensino e aplicação prática. Lembramos, em grande parte por experiência própria, o seu valioso contributo para a «formação laboratorial», de Preparadores, Tirocinantes, Técnicos e Docentes da Secção de Química.

Mas, voltando às novas matérias incluídas na Química Agrícola, é conveniente salientar que o Prof. Valente Almeida, embora sem nunca as ter ensinado, cedo compreendeu que, sobretudo no que respeitava a introdução dos adubos minerais no País, estava aberto um importante campo de Experimentação/Investigação no domínio da procura de soluções para que eles pudessem ser corretamente usados

em diferentes solos e culturas. Daí que, na quase totalidade da sua atividade não docente, tenha privilegiado a criação de condições para que pudessem ser efetuados estudos naquele domínio. Salieta-se, a este respeito, o facto de o Horto de Química Agrícola, criado pelo Prof. Rebelo da Silva em 1926 e recriado em 1935 pelo Prof. Boaventura de Azevedo (que, como se disse, nunca chegou a trabalhar, e que foi parcialmente destruído por um ciclone em 1941), viesse finalmente a ter condições para que pudesse funcionar, tal como o Prof. Valente Almeida disse num interessante e oportuno trabalho intitulado «*A Investigação Científica relativa á Química Agrícola no Instituto Superior de Agronomia*», do qual se transcreve uma breve passagem:

«Em 1951, precisamente 30 anos depois da concessão da primeira verba destinada ao Horto, começou a terceira tentativa que julgamos definitiva para a sua instalação, pois nesse ano foi inscrita no orçamento regular do Instituto uma verba de 50.000\$00 para a construção da armação metálica e cobertura de rede e arranjo de todo o local.

Em 1952, com a prestimosa colaboração do Laboratório Químico Agrícola Luís António Rebelo da Silva, da Direção Geral dos Serviços Agrícolas, que amavelmente mandou construir e pôs à nossa disposição 100 vasos para experiências do tipo Mitscherlich, pôde o Horto funcionar pela primeira vez, permitindo a realização de um estudo sobre o valor agrícola de vários adubos fosfatados (...).

O ano de 1953 marca uma viragem na história da instalação do horto de Química Agrícola, pois nesse ano Sua Ex^a o Subsecretário de estado do Comércio e da Indústria, tendo conhecimento da experimentação que se estava fazendo, autorizou a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos a conceder ao ISA a verba de 140000\$00 destinada ao financiamento das obras previstas para acabamento do Horto. Compreendiam estas obras um hangar envidraçado para recolha das culturas no tempo chuvoso e dois compartimentos, um para servir de depósito de material e para preparar as experiências e outro para a realização de certas operações preliminares de análise química (...).

A título de curiosidade, informamos que a tentativa referida por Valente Almeida em relação às instalações do Horto ainda não viria a ser a última. Efetivamente, alguns anos após a sua morte, e numa altura (1987) em que o signatário era já o principal responsável pela Secção de Química do ISA e o Eng^o Soveral Dias exercia o cargo de Diretor do Laboratório Químico-Agrícola Rebelo da Silva (LQARS) foi estabelecida uma parceria para a utilização comum do Horto, a qual permitiu, graças ao apoio material conseguido pelo LQARS para a ampliação e modernização das instalações, criar condições para que docentes e alunos do ISA, e técnicos e investigadores do LQARS tivessem melhores condições para ali efetuarem a componente experimental da grande maioria dos seus trabalhos.

A propósito da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, não podemos deixar de referir o facto de aquele Organismo ter criado no ISA, para trabalhar sob orientação do Prof. Valente Almeida, um núcleo de técnicos e analistas que muito viriam a contribuir para o avanço da experimentação/ investigação nos Laboratórios e no Horto de Química Agrícola. De entre esses técnicos permitimo-nos salientar o Eng^o agrónomo Luís Balbino, ao qual, em nosso entender, se deve atribuir o mérito de ter conseguido que nos trabalhos efetuados no Horto, na sua

maior parte ligados à fertilidade e à fertilização, se passasse a falar de *solos* em vez de *terras*.

O Prof. Valente Almeida, como se vê, criou condições para que, no Horto e nos laboratórios de Química do ISA pudessem ser vários trabalhos no domínio da nutrição e fertilização das plantas. Não conseguiu, no entanto, criar estruturas, semelhantes às então já existentes noutros países, para que os ensaios também fossem realizados em pleno campo e continuados por vários anos.

Creemos que, em grande parte por isso, o Prof. Valente Almeida incentivou a ida de alguns dos seus colaboradores para trabalharem em Empresas Adubeiras, nas quais poderiam executar, sempre que possível em ligação com a Secção de Química do ISA, trabalhos que, no Instituto, por falta de infraestruturas físicas e suporte financeiro, não era possível efetuar. Por outro lado, há um aspeto que também tem de ser salientado, e que tem a ver com algumas «limitações» que o Prof. Valente Almeida sabia ter em relação a tarefas que exigissem «trabalhos de campo», mais concretamente ações que tivessem de ser desenvolvidas no contacto direto com os Técnicos Regionais e mesmo com os próprios agricultores. Recorde-se que o Prof. Valente Almeida, ao contrário do que aconteceu com quase todos os seus antecessores, chegou ao ensino Superior Agrícola vindo diretamente da Investigação. Quer dizer, nunca tinha sido «agrónomo de campo», nem tinha dado aulas em cursos elementares/médios do ensino agrícola, os quais, pela sua índole e locais onde eram ministrados, proporcionavam mais contactos com as características do meio rural. Acresce, ainda, que o Prof. Valente Almeida nasceu e cresceu em Moçambique, (na cidade então chamada Lourenço Marques), num meio que, de acordo com as informações que que próprio nos transmitiu, também lhe não proporcionaram contactos com o «campo».

De qualquer modo, o Prof. Valente Almeida, embora nunca ensinado adubos, colaborou com praticamente todas as Empresas adubeiras sediadas no País, ou que, como sucedia com o «*Institut International de la Potasse*», aqui tinham representações técnico-científicas. No entanto, em termos de prestação de serviços a nível pessoal, a colaboração às Empresas era exercida prioritariamente, senão mesmo exclusivamente, na sua condição de químico, isto é, no âmbito da análise e certificação dos produtos, temas nos quais, como se deduz do atrás foi dito, ele se sentia muito mais à vontade.

E, Por outro lado, não pode deixar de se salientar também o facto de o Prof. Valente Almeida ter tido uma acentuada projeção internacional na comunidade científica dedicada ao estudo dos adubos, para tal contribuindo, fundamentalmente, dois factos: dominava perfeitamente a língua alemã (e a Alemanha, como certamente é do conhecimento geral, foi pioneira na descoberta da quase totalidade dos adubos de síntese mineral); publicou, geralmente em conjunto com os seus colaboradores, alguns trabalhos que viriam a dar importantes contributos para que os adubos, e mesmo alguns dos outros fertilizantes, pudessem ser utilizados de uma forma mais correta. Daí que ele, sobretudo a nível da Europa, tenha participado, muitas vezes com elevado grau de responsabilidade na Organização, em diversos Congressos, Simpósios e outras Reuniões científicas em que eram apresentados e discutidos os avanços de conhecimentos que iam ocorrendo no domínio da Nutrição vegetal, Fertilidade dos solos e Fertilização.

Para além do Ensino e da Investigação, e das tarefas inerentes, o Prof. Valente Almeida desempenhou, dentro e fora do ISA, diversos cargos, dos quais salientamos: Diretor da Biblioteca e Presidente da Comissão de Redação dos Anais do ISA, Presidente da Comissão Técnica dos Métodos Químico-Analíticos e da Comissão para o Estudo da Fertilidade da Terra.

O Prof. Valente Almeida viria a falecer, repentinamente, em outubro de 1975, quando ainda lhe faltavam três anos para ser jubilado. E, sendo assim, ocorre-nos fazer a seguinte pergunta: se o Professor Valente Almeida não tivesse falecido naquela altura, será que poderia ter continuado a desempenhar, com a habitual competência e dedicação, as funções de docente e de principal responsável por todas as outras atividades da Secção de Química ISA?

Limitando-nos, com é óbvio, a uma interpretação inteiramente pessoal, somos de parecer que muito dificilmente isso poderia vir a acontecer. Em termos de ensino, o Prof. Valente Almeida não iria querer abdicar do seu programa das aulas teóricas que tinha a seu cargo (Fitoquímica, com se disse); mas era já por demais evidente que aquela e outras matérias do mesmo domínio científico começavam a ser dadas noutras Secções, principalmente na Botânica. Aliás, a curto prazo (1979), viriam ser criadas a disciplina de Fisiologia Vegetal na Secção de Botânica, e, na própria Secção de Química, as disciplinas de Química Orgânica e de Bioquímica.

Quanto às atividades não docentes da Secção, o Prof. Valente Almeida, que sempre se mostrou defensor da tradição de haver um único Professor Catedrático na Secção, teria muita dificuldade em partilhar um «poder de decisão» que o novo condicionalismo instalado em todas as Secções do ISA lhe iria exigir.

O Prof. Valente Almeida (que, repete-se, foi um Professor competente e dedicado, e que muito prestigiou o Instituto Superior de Agronomia), provavelmente, passaria a eleger como principal atividade a continuação de estudos sobre os problemas da fertilização e, sobretudo, a sua divulgação, com mais assiduidade, em reuniões científicas.

A concluir, deixamos uma breve informação sobre o que foi o futuro próximo da Química Agrícola. Pode dizer-se que a disciplina desapareceu com a morte do Prof. Valente Almeida. Efetivamente, quando logo nessa altura passámos a ser o seu responsável, embora formalmente continuasse, até 1979, a manter-se a designação de Química Agrícola, o programa das aulas teóricas passou a ser dedicado, exclusivamente, à Nutrição Vegetal, Fertilidade dos Solos e Fertilização. A partir de 1979, com a passagem ao regime semestral, a disciplina de «Química Agrícola» foi eliminada e, em sua substituição, criadas as disciplinas de Nutrição Vegetal e Fertilidade do solo e a de Fertilizantes e Fertilização, inseridas, respetivamente, no 2º semestre do 2º ano e no 1º semestre do 3º ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão e Siva, M. Luísa, (1977) – Contribuição para uma resenha biobibliográfica do Prof. João Inácio Ferreira Lapa. *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, **37**: 9-39.

Almeida, L. A. Valente (1952), – A Investigação Científica Relativa à Química Agrícola no Instituto Superior de Agronomia. *Revista Agronómica*. XXXVIII (1950-1955): 113-132 pp.

Azevedo, J. Boaventura (1926) – O ensino da Química. *Agros*, 9:201-207.

Azevedo, J. Boaventura (1936) – *Apontamentos da cadeira de Química Agrícola*. Instituto Superior de Agronomia, 171 pp.

Coutinho, A. X. (1926) – O Ensino da botânica e a Agricultura. *Agros* 9:191-195.

Gomes, M. D' Azevedo (1958) – *Informação histórica a respeito da evolução do ensino agrícola superior*. Editorial Inquérito, Lisboa, 135 pp

Graça, L. Martin (1939) – *Os adubos em Portugal*. Direção geral dos Serviços Agrícolas do Ministério da Agricultura, Lisboa, 44 pp

Mello, L. Mercês (1967) – Palavras de Introdução, I Conferência De Química Agrícola, *Agronomia Lusitana*, Lisboa, 25:505-540.

Natividade, J. Vieira (1956) – O Homem – o cientista – o agrónomo. Mem. Acad. Lisboa, 7: 81-98

Santos, J. Quelhas (1984) – L. A. Rebelo da Silva O Professor e o Extensionista. Alocução integrada nas comemorações do centenário do Pavilhão de Exposições da Tapada da Ajuda. Lisboa, 12 pp.

Santos J. Quelhas (2013) – *O uso de fertilizantes na agricultura - Testemunho de uma vida profissional*. Agromanual, 83pp.

Silva, L. Rebelo, (1928) - *O Horto de Química Agrícola*. Direção Geral do Ensino e Fomento, Lisboa, 70 pp.

Silva, L. Rebelo, (1912) - *A questão das adubações*. Bol. Dir. Geral. Agricultura, 11:1-64 pp.

Sousa, R. Bruno, (2004) - *A evolução da química agrícola e do seu ensino em Portugal*. Conferência proferida na Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, Lisboa, 24 pp.

Setembro de 2014

J.Quelhas dos Santos

